

A educação da classe trabalhadora a partir dos escritos pré-carcerários (1910-1920) de Antônio Gramsci

The education of the working class from the pre- prison writings (1910-1920) of Antonio Gramsci

DOI:10.34117/bjdv7n1-607

Recebimento dos originais: 01/01/2021

Aceitação para publicação: 22/01/2021

Antônia Márcia da Silva Magalhães

Graduanda em Pedagogia

Universidade Federal do Piauí

Endereço: Rua Santa Mônica, 1052, Bairro São Pedro, 64120000, União, PI

E-mail: marciamagalhaes989@gmail.com

Pedro Santos

Doutor em Educação

Universidade Federal do Piauí

Endereço: Rua José Esteremberg, 3314, Bairro Brasil, 64035-510, Teresina, PI

E-mail: pedrosantos@ufpi.edu.br

RESUMO

Este artigo discute a educação da classe trabalhadora nos escritos pré-carcerários (1910-1920) de Antônio Gramsci. A metodologia utilizada é qualitativa e de procedimento bibliográfico, o que possibilitou o contato e a análise dos textos do pensador sardo. Pelo estudo, compreendemos que a educação é um processo formativo que - alinhada à lógica do capital - pode contribuir para a validação do modelo de sociabilidade vigente. Mas - comprometida com a luta da classe subalterna - poderá auxiliar na construção de uma nova civilização que tem como horizonte a emancipação humana. Nesse sentido é que a educação, na perspectiva gramsciana, emerge como processo formativo amplo que visa fortalecer as classes subalternas para lutarem em prol da construção de uma nova forma de sociabilidade humana.

Palavras-chave: Educação política, Subalternos, Escritos pré-carcerários.

ABSTRACT

This article discusses the education of the working class in the pre-prison writings (1910-1920) by Antônio Gramsci. The methodology used is qualitative and bibliographic, which made it possible to contact and analyze the texts of the Sardinian thinker. Through the study, we understand that education is a formative process that - in line with the logic of capital - can contribute to the validation of the current sociability model. But - committed to the struggle of the subaltern class - it can assist in the construction of a new civilization that has human emancipation as its horizon. In this sense, education, in the Gramscian perspective, emerges as a broad formative process that aims to strengthen the subaltern classes to fight for the construction of a new form of human sociability.

Keywords: Political Education, Subalterns, Pre-carceralwritings.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conceito de educação nos escritos pré-carcerários de Antônio Gramsci (1910-1920), pensador italiano, preso em 1926 pelo regime fascista de Benito Mussolini. Antes da prisão, o sardenho produziu um conjunto de textos que discutem temas diversos, como opressão, partido político, luta de classe, socialismo, cultura, disciplina, transigência, intransigência, Revolução Russa, educação, dentre outros.

Os textos do período pré-carcerário são relevantes para o estudo na medida em que expressam o início da trajetória intelectual e política de Gramsci (2004) e a inserção dele na luta da classe operária. Além disso, possibilitam também a compreensão da biografia do supracitado autor e demonstram as influências teóricas que contribuíram para a afirmação dele enquanto intelectual orgânico da classe trabalhadora.

Todavia, mesmo diante dessa relevância, quase inexitem pesquisas que tenham como foco a concepção de educação nos escritos produzidos antes da prisão de Gramsci (1910-1920). Talvez, uma das razões desse silenciamento dos pesquisadores ocorra pelo fato de o jovem pensador conter fortes marcas do pensamento neoidealista, sobretudo de Benedetto Croce e Gentile, como também manifestar ainda pouco domínio teórico acerca da perspectiva histórico dialética.

Mesmo assim, compreendemos que a fase pré-carcerária é a base de construção da maturidade intelectual e política de Gramsci e que jamais pode ser secundarizada por que demonstra o processo de formação e a transição dele do neoidealismo à tradição socialista num contexto marcado por continuidade-descontinuidade.

Foi a partir dos primeiros escritos do jovem Gramsci que analisamos o conceito de educação e percebemos a articulação dela com a luta da classe trabalhadora a fim de elevá-la à condição de governante de um novo modelo de sociabilidade humana. Esperamos que o estudo possa contribuir para instigar os profissionais da educação e de áreas afins a lutarem pela efetivação de ações comprometidas com o processo de emancipação dos sujeitos subalternos.

A educação na perspectiva gramsciana emerge como instrumento de luta que visa contribuir para o desenvolvimento intelectual e moral da classe trabalhadora a fim de instaurar uma nova forma de sociabilidade humana. Assim, num cenário atual de retrocesso das lutas dos movimentos sociais, este trabalho pode contribuir para que defendamos outro modelo de educação comprometido com a luta pela superação do projeto dominante.

O trabalho tem como pilar a pesquisa qualitativa de procedimento bibliográfico, entendido por Gil (2011, p.50) como um tipo de estudo que centra em “material já elaborado constituído de livros e artigos científicos”, dicionários, periódicos, enciclopédias e ensaios que podem auxiliar o pesquisador na compreensão crítica do objeto de estudo.

A escolha desse procedimento de pesquisa justifica-se também pelo fato de que a investigação de natureza qualitativa e de procedimento bibliográfico requer a interpretação e a compreensão ampla dos dados a serem analisados. Sem falar que, por meio dessa metodologia, foi possível o contato direto com os próprios escritos do jovem Gramsci e com alguns textos de importantes pesquisadores desse teórico italiano.

Para seleção dos textos do filósofo italiano, adotamos o critério da relevância por meio do qual foram analisados documentos mais pertinentes para a compreensão do tema investigado. Além disso, o processo de apropriação dos escritos pré-carcerários demandou a elaboração de fichamentos literais dos escritos produzidos por Gramsci nos anos 1910-1920. Ao mesmo tempo em que os textos foram lidos e fichados, realizamos também a leitura de outros autores que contribuíram para a compreensão do contexto histórico italiano.

2 A EDUCAÇÃO DA CLASSE SUBALTERNA E A SUA FUNÇÃO DE ELEVÇÃO INTELECTUAL E MORAL

A educação em Gramsci não assume uma função secundária em relação a outros temas, como Estado, hegemonia, sociedade civil, reforma, contrarreforma, revolução passiva, dentre outros. Pelo contrário, ela é relevante porque, articulada a outros conceitos, contribui para construção de uma nova formação social.

Semeraro (2006) compreende que os escritos gramscianos visam à construção de uma epistemologia fundada no conhecimento crítico que potencializa os subalternos a se tornarem sujeitos ativos na luta pela emancipação humana. O que se pretende é a afirmação deles como governantes, não mais subjugados à lógica do projeto societário burguês.

A conquista dessa nova condição da classe trabalhadora requer uma profunda mudança tanto no plano da objetividade, quanto da subjetividade. No primeiro, encontram-se tanto as forças naturais, quanto as econômicas, as sociais e as políticas construídas ao longo do processo histórico pela tradição e transmitidas às novas gerações. É pelo que se herdou que os novos membros da sociedade são desafiados a se apropriarem

do acervo material e cultural para participarem ativamente de um determinado convívio social.

No segundo plano, os sujeitos históricos, ao se apropriarem do que lhes é transmitido pelas gerações precedentes, modificam-se e transformam também o que aprendem dialeticamente. Isso demonstra o poder ativo deles no processo de transformação de si mesmos e do mundo. É nessa relação entre objetividade (mundo) e subjetividade (consciência) que o ser humano transforma o ambiente em que vive e a si mesmo. Pelo distanciamento que o ser humano estabelece com o mundo, ele identifica diversos condicionamentos que restringem a sua liberdade e constrói, de forma individual e coletiva, formas de lutas para conquistá-la.

Em busca da elevação intelectual e moral da classe subalterna, classe que historicamente vende a sua força de trabalho e produz riquezas, mas que não usufrui do que produziu, a educação tem como função contribuir para que ela se torne governante de um novo projeto de emancipação humana.

Pelo viés histórico, o filósofo italiano compreende que persiste- embora de diversas formas e intensidades diferentes- um processo de negação da afirmação do ser humano em que o poder da minoria prevalece sobre a maioria que é a classe subalterna. Porém, esse poder não é eterno e imutável, pois como afirma Gramsci (2004, p.46), a Revolução Francesa (1789) ensina à humanidade “uma grande lição: que os privilégios e as diferenças sociais, sendo produtos da sociedade e não da natureza, podem ser superados [...]”.

O filósofo sardenho recusa, já num texto escrito no início do século XX, qualquer visão fatalista que defende a imutabilidade do modelo de sociedade fundada na relação dominante- dominado. Noutro caminho, demonstra que mesmo o sistema feudal- tido por muitos dos seus defensores como imutável- foi superado pela luta da classe burguesa aliada ao proletariado.

Nessa direção, parece que Gramsci utiliza o exemplo da Revolução Francesa (1789) para educar os oprimidos no sentido de que jamais devem naturalizar a dominação exercida sobre eles, pois a luta travada pelos franceses demonstra que nenhum sistema econômico, político e social é infalível. Ensina que nenhuma formação social pode ser entendida pelos ‘simples’ como peremptória, porque a história testemunha a transitoriedade do poder, embora nem sempre a favor da efetiva liberdade dos oprimidos.

A perspectiva histórica desvela a falibilidade do poder opressor, como também instiga os ‘simples’ a construir táticas de lutas para superação da sua condição

subalterna. Para tanto, afirma Semeraro (2006, p. 18), Gramsci depreende que os subjugados, para se assumirem enquanto sujeitos históricos, requerem a “conquista de um conhecimento crítico, autônomo e criativo [que] é tão crucial para a liberdade e para a afirmação dos projetos políticos antagônicos dos subjugados”.

Pelo estudo, compreendemos que o processo educativo do sujeito histórico é amplo e ocorre para além do espaço escolar. Num artigo intitulado Democracia Operária de 1919, Gramsci compreende que a educação tem como função esclarecer e fortalecer a classe trabalhadora na luta para construção de uma nova forma de sociabilidade.

Assim, o processo formativo dos sujeitos transcende o lócus escolar e envolve um conjunto de instituições, dentre elas, o Partido Socialista Italiano (PSI) que “deve continuar a ser o órgão da educação comunista, o cadinho da fé, o depositário da doutrina, o poder supremo que harmoniza e conduz ao objetivo as forças organizadas e disciplinadas da classe operária e camponesa” (GRAMSCI, 2004, p. 71)

Mesmo no período da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), Gramsci entendia que o partido deveria assumir a tarefa de educar a classe trabalhadora. A educação promovida por ele visava, sobretudo, promover a unidade dos camponeses e proletários para juntos construírem um novo projeto societário.

Embora Gramsci, nos escritos pré-carcerários (1910-1920), não discuta ainda de forma direta sobre o intelectual orgânico, reconhece que a luta revolucionária não ocorre de forma espontaneísta. Por isso, o partido é o que organiza as forças dispersas para construção de ações concretas para transformação radical da sociabilidade burguesa.

Nesse sentido, entendemos que mesmo ausente o conceito de intelectual orgânico nos escritos analisados, parece-nos que o partido emerge como intelectual coletivo que instruí, organiza e instiga os ‘simples’ a lutarem pela criação e implantação de uma nova ordem social.

Esse trabalho de formação da unidade da classe trabalhadora requer do partido uma educação que a fortaleça de forma teórica e tática, assumindo a ditadura do proletariado, pois Gramsci (2004, p.73) compreende que:

A fórmula ‘ditadura do proletariado’ deve deixar de ser apenas fórmula, uma ocasião para dar vazão à fraseologia revolucionária. Quem quer o fim deve também querer o meio. A ditadura do proletariado é a instauração de um novo Estado, tipicamente proletário, no qual confluem as experiências institucionais da classe oprimida, no qual a vida social da classe operária e camponesa se torna sistema difundido e fortemente organizado.

Nos escritos pré-carcerários (1910-1920), Gramsci (2004) não discute sobre o conceito de hegemonia, mas compreende que a construção de uma nova organização social, fundada pela classe trabalhadora, não pode instaurar-se sem a coerção e o convencimento.

Nessa direção, parece-nos que a educação assume a função de convencer de forma tolerante os subalternos para que reconheçam e superem a sua condição histórica de sujeitos governados. É pelo reconhecimento da função subalterna e dos fatores econômico, político, social e cultural que os sujeitos oprimidos unificam e se tornam intransigentes na luta pela superação do projeto societário burguês e pela instauração de uma nova ordem social.

Com esse intuito, o partido é concebido como o educador da classe trabalhadora no sentido de prepará-la para a construção do ordenamento socialista, o que requer a formação de novos sujeitos históricos que pensam e intervêm no mundo para além da sociabilidade burguesa.

Decerto, Gramsci (2004) compreendia que essa tarefa não era fácil e nem resultava de um conjunto de atos espontaneísta, mas de uma ação sistemática, processual e dinâmica que aliava a compreensão crítica do mundo com a vontade intensa dos sujeitos revolucionários de transformá-lo.

Num texto intitulado *La citta futura* de 1917, Gramsci (2004) demonstra que a luta pela superação do modelo de sociedade instituído pressupõe a assimilação de uma nova concepção de mundo que se fortalece por meio da disciplina socialista, que é compreendida como força que impulsiona o ser humano a lutar pela conquista da liberdade humana.

Diferente da disciplina burguesa que visa fortalecer a classe dominante, a da classe trabalhadora é força unificadora da diferença. Ela pretende promover a fusão de sujeitos diferentes, mas que estão sob o jugo da contradição fundamental que é a relação capital-trabalho.

A disciplina como força mobilizadora que instiga os sujeitos históricos a lutarem pela estratégia socialista, segundo Gramsci (2004, p.87), é um dos elementos que contribui para o fortalecimento da luta revolucionária. É pela disciplina que a classe trabalhadora apropria criticamente da teoria revolucionária, compreende as contradições da sociedade burguesa e organiza o movimento de luta pela superação da concepção de mundo dominante. Assim, a disciplina é sinônima de liberdade para a classe trabalhadora que assumiu historicamente a função subalterna.

Disciplinar-se é tornar-se independente e livre. A água é água pura e livre quando corre entre as duas margens de um riacho ou de um rio, não quando se derrama caoticamente no chão ou, rarefeito, espalha-se na atmosfera (GRAMSCI, 2004, p.87).

Para se contrapor à disciplina burguesa validadora da subserviência, Gramsci (2004) defende a necessidade de outra que potencialize a classe trabalhadora. Decerto nos escritos juvenis, o autor sardo já entendia que a disciplina dos trabalhadores era uma forma de não deixá-los à mercê das influências do ambiente externo, questão discutida posteriormente tanto nas Cartas do Cárcere, quanto no Caderno Carcerário 11 (1932-1933).

Para o pensador sardo, a luta pela transformação substantiva do mundo requer a intervenção dos sujeitos revolucionários em três esferas, a saber, a econômica, a política e a ideológica. Na primeira, existem três fases sendo que uma delas é a ‘sindical elementar’ na qual os sujeitos desenvolvem lutas de resistência contra o capitalismo, mas isso ocorre geralmente de forma espontânea e não visa à superação radical do projeto societário burguês. Parece-nos que nessa fase, os trabalhadores organizam-se mais em defesa dos interesses econômico-corporativos.

Na segunda fase, a luta na esfera econômica pressupõe dos trabalhadores o controle do campo produtivo. É preciso que eles exerçam o controle da produção a fim de que superem a condição de governados e assumam a postura de governantes. A luta visa, assim, ofender a lógica do modo de produção capitalista na medida em que a classe produtora da riqueza pretende assumir a sua função de direção na produção, contrapondo-se à minoria dominante.

Na terceira fase, a classe trabalhadora ciente das contradições inelimináveis do capital, pretende superar o projeto societário burguês para instaurar a ordem social emancipadora. Intuímos que nessa fase, os trabalhadores já não defendem mais reformas circunscritas à sociabilidade do capital por que estão cientes da função mantenedora delas e, por isso, lutam pela extinção do modelo de sociedade vigente.

Segundo Gramsci (2004), de forma concomitante, a luta revolucionária requer também mudança profunda na esfera política que pode ocorrer em três fases. A primeira visa limitar o poder burguês a fim de que a classe trabalhadora possa organizar-se politicamente e consolidar um intenso movimento de luta.

A segunda etapa pretende fortalecer a luta pela conquista do poder e criar uma nova forma de governo próprio da classe trabalhadora. Esse momento pressupõe a

capacidade de mobilização dos trabalhadores de forma unitária a fim de instaurarem o socialismo. E a terceira etapa é a da ditadura do proletariado por meio da qual a classe trabalhadora exerce o poder e elimina os possíveis entraves da sociedade burguesa a fim de implantar a sua concepção revolucionária de mundo.

Para Gramsci (2004), a luta econômica e política devem ocorrer de forma concomitante com aquela travada também no campo ideológico. Noutros termos, a revolução da classe trabalhadora requer sujeitos conscientes de sua tarefa histórica no mundo em prol da emancipação humana.

É pela esfera ideológica que os sujeitos tornam-se conscientes dos limites do sistema democrático burguês, compreendem as correlações de força, a condição precária de vida da classe trabalhadora, as “[...] tendências fundamentais que operam no sistema dessas relações, (...) o processo de desenvolvimento que a sociedade sofre pela existência em seu seio de antagonismos inelimináveis [...]” (GRAMSCI, 2004, p.99).

Depreendemos que, sobretudo, no campo ideológico, a educação comprometida com a elevação intelectual da classe trabalhadora assume a função de fortalecê-la tanto para compreensão crítica da realidade em que vive, quanto para organizá-la na luta pela transformação radical da sociabilidade burguesa.

Nessa direção, Gramsci (2004, p.71) compreende que o partido é “o instrumento e a forma histórica do processo de libertação interior pelo qual o operário passa de executor a iniciador, deixa de ser massa para tornar-se líder e guia, deixa de ser braço para se converter em cérebro e vontade”.

Gramsci entende que o processo radical de transformação social requer não apenas o entendimento racional (cérebro) dos trabalhadores. É preciso também o envolvimento deles, a vontade, a paixão, a transformação do racional em força volitiva. Assim, a construção de uma nova sociedade sustenta-se na força intelectual que possibilita o entendimento das correlações de forças, na vontade individual e coletiva e na organização política dos subalternos.

Conforme Valeria Leo (2017), Gramsci compreende a paixão política como impulso que mobiliza os simples à ação permanente, orgânica e disciplinada. A paixão pressupõe a organização política e a compreensão crítica da realidade para transformá-la.

Nesse sentido, a educação promovida pelo partido visa fortalecer a paixão e a concepção crítica da classe trabalhadora. Ela é instrumento que pode contribuir para forjar a liberdade humana.

A educação, a cultura, a ampla organização do saber e da experiência significam a independência das massas em face dos intelectuais. A fase mais inteligente da luta contra o despotismo dos intelectuais de profissão e contra as competências por direito divino está construída precisamente pelo empenho no sentido de intensificar a cultura, de aprofundar a consciência. E esse empenho não pode ser adiado para amanhã, para quando formos politicamente livres. Esse empenho é ele mesmo liberdade, estímulo para a ação e condição da ação (GRAMSCI, 2004, p.213).

A educação da classe trabalhadora instiga-a à conquista da autonomia. É pela sistematização da sua experiência e do seu saber que os simples se reconhecem como sujeitos da história e se preparam de forma contínua e disciplinada para assumirem a condição de governantes. A educação comprometida com a elevação dos trabalhadores pressupõe a capacidade de eles pensarem de forma independente dos intelectuais das classes dominantes, pois os potencializa para se tornarem ‘médicos de si mesmos’, capazes de se reconhecerem como construtores da liberdade humana.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pela análise dos escritos pré-carcerários (1910-1920), percebemos que a educação da classe trabalhadora desenvolve tanto nos espaços escolares, quanto nos extraescolares. Nesse sentido, a educação é um conceito amplo no pensamento do filósofo sardo e que visa promover a formação crítica e transformadora da classe trabalhadora.

Compreendemos que é pelo jogo político das correlações de força que se define a função da educação. No embate de forças antagônicas, ela pode contribuir tanto para validar a concepção de mundo da classe dominante, quanto para promover a transmissão ativa, a apropriação e a re-elaboração crítica do acervo material e cultural pelas classes subalternas.

Para Gramsci, nenhum processo educativo pode ser neutro. Ele é político por que requer comprometimento com uma determinada concepção de mundo que pode ser tanto de quem domina, quanto daqueles que são dominados. Educar é um ato político na medida em que possui finalidades advindas dos âmbitos econômico, social, político, cultural, dentre outros.

Decerto, as finalidades desses âmbitos contribuem, em larga medida, para a configuração de um determinado modelo educacional, o que não significa dizer que toda educação seja refém de fins definidos noutras esferas e que não possua autonomia relativa. Gramsci compreende que esse poder relativo possibilita certa margem de liberdade aos

movimentos da classe trabalhadora para se organizarem em função da construção da luta revolucionária.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos escritos iniciais gramscianos, podemos afirmar que a educação emerge como um processo de apropriação e re-elaboração crítica do acervo cultural e material pelos sujeitos históricos a fim de instituir o ordenamento socialista, que requer uma nova estrutura e superestrutura, a construção de uma nova concepção de mundo e a disciplina para efetivá-lo.

A educação no período pré-carcerário (1910-1920) articula-se com a perspectiva política defendida por Gramsci no Partido Socialista Italiano (PSI). Assim, o partido emerge como intelectual coletivo comprometido com a formação da classe trabalhadora. Ele é responsável pela educação ampla dos trabalhadores por meio da qual transitam da posição de governados para a de governantes.

A educação manifesta-se, então, como processo sistemático, formativo, metódico e radical comprometido com a superação da condição de subserviência da classe trabalhadora. Educá-la significa garantir-lhe uma formação ampla tanto para interpretar, quanto para transformar o mundo em que vive, lição essa que pode ser aprendida pelos movimentos sociais comprometidos com a transformação radical da sociedade no contexto atual.

Compreendemos, assim, que num cenário histórico em que as forças conservadoras avançam não só no Brasil, mas em escala internacional, o pensamento gramsciano pode contribuir de forma significativa para fortalecer uma contracorrente comprometida com a construção da luta da classe trabalhadora a fim de instaurar o projeto societário socialista. A educação, em Gramsci, vincula-se a esse horizonte e visa promover a elevação intelectual e moral dos 'simples' para assumirem a condição de governantes de um novo projeto societário.

REFERÊNCIA

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GRAMSCI, Antônio. **Escritos Políticos (1910-1920)**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

GRAMSCI, Antônio. **Cadernos do Cárcere. Introdução ao estudo da filosofia. A filosofia de Benedetto Croce**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. V. 1

LEO, Valeria. Paixão. In: **Dicionário Gramsciano**. LIGUORI, Guido; VOZA, Pasquale (orgs). Rio de Janeiro: Boitempo, 2017.

SEMERARO, Giovanni. **Anotações para uma Teoria do Conhecimento**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2006.